

# *Ulysses não aceita a eleição já*

**BRASÍLIA** — O deputado Ulysses Guimarães assumiu ontem a função de presidente da República e, já nesta condição, ainda na Base Aérea de Brasília assegurou que a crise econômica não provocará dificuldades para as instituições democráticas e afastou também qualquer apoio seu a alterações nos prazos eleitorais, propostas por governadores e parlamentares.

Dois ministros de Estado informaram que o presidente em exercício não será muito exigido desta vez ficará "contra a parede". Tanto a fixação do salário-mínimo como a solução para a greve do funcionalismo serão medidas a serem adotadas pelo presidente José Sarney, na segunda-feira — ele volta ao Brasil no sábado. Ulysses só terá o dia útil de hoje, pois amanhã é feriado, Dia do Servidor Público.

Para Ulysses Guimarães, as datas eleitorais, devem ser cumpridas: "Todos sabem o que é o calendário. As datas estão fixadas e entendo que não se deve tentar mudar as regras do jogo, através de alterações, até da própria Constituição". "A Constituição acaba de ser votada", lembrou comparando: "É como falar em divórcio na lua-de-mel".

Ulysses afirmou que cumprir o calendário "será bom para as instituições, para a transição, para o País". Segundo a Constituição as eleições presidenciais serão em 15 de novembro de 1989, com posse do eleito, excepcionalmente, em 15 de

março de 1990, data do encerramento do mandato do atual presidente.

## CRISE

Para o presidente em exercício não há riscos de instabilidade democrática no País."Se a crise econômica trouxer dificuldades para as instituições democráticas, então é uma demonstração de que a democracia não tem força para resolver os problemas, inclusive a crise econômica", observou. Em sua opinião, a democracia existe justamente para isso, e não só para quando "há plena tranquilidade, normalidade, abundância, sossego". A democracia tem sido invocada, até em período de guerra, lembrou.

Será através da democracia e da Constituição, segundo a opinião de Ulysses Guimarães, que se enfrentarão "os problemas que estão aí".

O presidente da Câmara assegurou que não pretende adotar nenhuma medida imediata com relação às greves: "Entendo ser fundamental uma negociação, através do que vem a solução, como se faz em outros países". O presidente em exercício praticamente confirmou a informação de dois ministros sobre o adiamento de medidas concretas para segunda-feira: "Nessas poucas horas que vamos ficar, evidentemente, a coisa seguirá seu curso estabelecido".

## RENÚNCIA

O deputado Haroldo Lima (PC do B-BA) defendeu ontem, em audiência com o presidente

em exercício, a renúncia do presidente José Sarney, que em sua opinião é o responsável pelo estado de crise do País. Segundo Haroldo Lima, "o Brasil não aguenta mais 17 meses de governo Sarney".

Ulysses Guimarães, de acordo com relato do deputado, ouviu a proposta em silêncio. Depois, reconheceu a gravidade da crise que coloca a inflação em patamares recordes a cada mês, e fez o seguinte comentário: "A única saída para a transição no deserto é o pacto social". Haroldo Lima, no entanto, disse que o PC do B não irá participar do pacto.

## URGÊNCIA

O governador Orestes Quérula criticou ontem no Palácio dos Bandeirantes, em São Paulo a falta de definição do presidente Sarney quanto à política de combate à inflação: "Diante dessa crise econômica que o País enfrenta, é preciso que o presidente José Sarney volte logo ao País e assuma a responsabilidade de começar a comandar um processo que combata essa inflação, que já não consegue ser controlada pela área econômica do governo federal". Quérula já havia afirmado anteriormente que o presidente da República precisava assumir o comando efetivo da economia. Ontem, evitou responder se o presidente Sarney tinha ou não assumido essa responsabilidade: "Não gostaria de fazer essa análise, pois sou governador e ele, presidente. É difícil analisar a posição do presidente".

# Brigadeiro defende a Carta

**BRASÍLIA** — As propostas políticas sugerindo mudanças na duração do mandato do presidente José Sarney e no sistema de governo foram ontem classificadas pelo ministro da Aeronáutica, brigadeiro Octávio Moreira Lima, de "golpe na Constituição". No momento, disse o ministro, "não temos nada a fazer a não ser cumprir a Constituição em vigor. Essas propostas não têm valor".

Os prognósticos sobre a existência de um clima para golpe também foram refutados pelo ministro: "Estamos muito velhos para irmos no canto da sereia", observou. "Todo mundo, na área militar, está imune à mosca azul".

O ministro atribui as notícias sobre intervenções militares às especulações políticas "que geralmente acompanham as propostas de candidatos à Presidência da República". Pa-

ra ele, essas sugestões estão "embutidas de interesses pessoais, não impressionam o governo, embora contribuam para trazer inquietação ao País e devem ser superadas".

"Acabamos de promulgar uma Constituição", enfatizou o ministro. Boa ou ruim, ela é o reflexo da sociedade brasileira e o caminho a ser seguido é esse." O outro caminho, disse Moreira Lima, "é tortuoso e seus resultados são negativos, pois cairão num regime de extrema direita ou de extrema esquerda, ambos execráveis, e eu não desejo isso..."

## DEMOCRACIA

Pregando a adoção do "caminho mais difícil", o da democracia, o ministro da Aeronáutica acha necessário que a sociedade se conscientize sobre seus valores para superar todas as crises sociais, econômicas e políticas. "Devemos cumprir a

Constituição, que foi feita para durar, pelo menos, uma geração", observou. Para ele, se houve erros na sua elaboração, deverão ser corrigidos, dentro do tempo previsto em lei, pelos próprios congressistas.

A prova maior de que tudo no País corre bem, de acordo com o ministro, é a viagem do presidente ao Uruguai: "Essa é a demonstração da absoluta continuidade administrativa do País, da perfeita consolidação das nossas instituições".

Segundo Moreira Lima, a atual crise econômica merece a atenção do governo e não é a pior enfrentada pelo País: "Estas crises acontecem no mundo todo e são cíclicas. Nós mesmos já enfrentamos a pior durante o governo de Jango Goulart e superamos. A França atualmente vive um clima de greve e ninguém fala em derrubar o presidente François Mitterrand".